



RESUMOS DAS MONOGRAFIAS/TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO
26º CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM

Título do Estudo: Resiliência e gestão de emoções dos estudantes do ensino superior

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Lídia Cabral

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Margarida Capa Janela, Aura Mariana da Costa Torrense, Marília Santos Cunha, Marta Chaves Correia

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: Ser resiliente é ter a capacidade de enfrentar as adversidades, transformações, ruturas e desafios, elaborando as situações e recuperando-se face às mesmas.

Objetivos: Determinar as variáveis sociodemográficas, de contexto familiar, académicas e de contexto clínico e psicológico que interferem na sua capacidade de resiliência dos estudantes do ensino superior; analisar a relação da gestão de emoções e a capacidade de resiliência em estudantes do ensino superior.

Metodologia: Estudo quantitativo, não experimental, descrito-correlacional e transversal. Utilizámos o questionário para recolha de dados sociodemográficos, de contexto familiar, académico e clínico e psicológico, a Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993), adaptada para a população portuguesa por Carvalho e Pereira (2012) e a escala de Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE) (Gratz & Roemer, 2004), adaptada para a população portuguesa por Fernandes et al. (2009). A amostra ficou constituída por 382 estudantes do Instituto Politécnico de Viseu.

Resultados: A amostra é constituída maioritariamente por estudantes do sexo feminino (69.6%), com um predomínio de participantes na faixa etária dos]20-24] anos (53.1%), 92.9% não tem companheiro(a), 52.1% residem em meio urbano e 47.9% em meio rural, predomínio de estudantes não trabalhadores (81.4%), a maioria são da Escola Superior de Saúde de Viseu (48.5%) a frequentar o 1º ano (28.8%). A idade, o estado civil, a zona de residência, a escola que frequentam, o número de matrículas, o tipo de habitação, o estado civil dos pais, o agregado familiar, a gestão de emoções e a toma de medicação interferiram na capacidade de resiliência dos estudantes. Verificou-se que os estudantes que têm um acesso limitado a estratégias emocionais reguladas possuem menor capacidade de perseverança e maior capacidade de resiliência; os que têm acesso limitado a estratégias emocionais reguladas revelam mais sentido de vida, mas menor autossuficiência e autoconfiança; os estudantes com maior falta de clareza emocional e mais consciência emocional apresentam uma maior capacidade de serenidade e mais autossuficiência e autoconfiança.

Conclusão: Os resultados apontam para a promoção de estratégias aos estudantes de modo a facultar-lhes estratégias através das quais possam desenvolver a sua inteligência emocional, bem como o conhecimento das suas emoções, o que poderá funcionar como o grande motor da resiliência.

Palavras-chave: Resiliência; Inteligência Emocional; Estudantes; Ensino Superior.

Título do Estudo: O nível de autocuidado da pessoa com Diabetes Mellitus tipo 2

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor António Dias

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Boavista, Maria Rodrigues, Sofia Miranda

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Introdução: O Autocuidado pode ser definido como a prática de atividades que as pessoas realizam em seu próprio benefício na manutenção da vida, saúde e bem-estar. Este é essencial para o tratamento da Diabetes Mellitus.

Objetivos: Determinar o nível de autocuidados da pessoa com diabetes mellitus tipo 2 e relacionar a influência de fatores sociodemográficos e clínicos no nível de autocuidado.

Métodos: Este estudo é do tipo quantitativo não experimental descritivo de natureza correlacional e transversal. A população em estudo foi constituída por 162 pessoas com diagnóstico de diabetes mellitus tipo 2, numa faixa etária compreendida entre os 42 e os 83 anos e frequentadoras da consulta de diabetes no ACES Dão Lafões. Para a recolha de dados foram utilizados o questionário para caracterização sociodemográfica e clínica, e um questionário para a avaliação das atividades de autocuidado com a diabetes (Bastos Severo & Lopes, 2007).

Resultados: O nível de autocuidado foi que, 48,1% da amostra tem um autocuidado “Insuficiente”, prevalecendo os homens. Na restante amostra, 17,3% teve um nível “Suficiente” e 34,6% teve um nível de autocuidado “Bom”, predominando as mulheres. Verificou-se que o melhor autocuidado foi nos participantes com idade > 64 anos, com habilitações literárias < 1º ciclo ensino básico, desempregados e diagnosticados há mais tempo.

Conclusão: Para contornar esta elevada prevalência, os profissionais de saúde devem primar pela educação para a saúde envolvendo os autocuidados na diabetes.

Palavras-Chave: Autocuidado na diabetes; Diabetes Mellitus Tipo 2; Diabetes Mellitus.

Título do Estudo: Representação da morte em crianças

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Madalena Cunha e Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Catarina Patrícia Jesus Costa, Diogo José Ferreira Silva, Fábio André Almeida Jerónimo, Flávia Maria Campanhã Barbosa

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: A criança sendo um ser em fase de desenvolvimento constrói as representações sobre os processos de vida e de morte suportadas nas vivências experienciadas. As conotações e sentimentos construídos pelas crianças acerca do processo de morte são determinadas pelo estágio de desenvolvimento em que se encontram, sendo naturalmente influenciadas pela educação que lhes é ministrada pelos pais e sociedade. No referente ao tema da morte, este é um assunto considerado por muitos pais como “tabu” e como tal, frequentemente as crianças não têm oportunidades para conversar sobre o processo de morte na família.

Objetivos: Analisar a representação que as crianças detêm sobre a morte; Caracterizar a amostra de pais e crianças quanto aos atributos sociodemográficos.

Métodos: O estudo transversal de natureza descritiva foi realizado numa amostra não probabilística de 175 crianças residentes em Portugal e respetivos pais, 50,29% das crianças eram meninos e 49,71% meninas, com idades compreendidas entre os 5 e 10 anos (M=7,69 anos).

Resultados: A maioria das crianças afirma que após a morte as pessoas vão para o céu/inferno (49,7%); diferenciam a morte das pessoas da dos animais pois, 51,4% afirmam que não lhes acontece o mesmo após a morte; julgam não se sentir dor aquando a morte (52,6%), estando este maioritariamente presente no grupo etário dos 7 aos 8 anos (resíduos ajustados: 2,4); 89,7% das crianças dizem que os bonecos não morrem; 64,8% nunca foram a um funeral, 36% não sabem de que cor são os caixões/urnas e 61,7% afirmam não saber o que significa estar de luto; a classificação da irreversibilidade da morte, está presente maioritariamente no grupo etário ≥ 9 anos (resíduos ajustados: 2,2);

Conclusão: As crianças são influenciadas pela cultura em que vivem sobre as vivências acerca da morte, mostrando os resultados que a sua perceção das crianças varia em função do estágio de desenvolvimento.

Palavras-Chave: Morte, Criança, Vivências.

Título do Estudo: Resiliência e Acontecimentos de vida negativos em estudantes do Instituto Politécnico de Viseu

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Amadeu Gonçalves

Investigadores Colaboradores (alunos): Adriana Filipa Machado, Ana Rita Morgado, Ana Rita Silva, Daniel Filipe de Almeida

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: A resiliência é a capacidade que um indivíduo apresenta após uma determinada adversidade, conseguindo-se adaptar ou evoluir de forma positiva e saudável. Os acontecimentos de vida podem associar-se positiva ou negativamente à capacidade de resiliência dos estudantes.

Objetivos: Relacionar as variáveis sociodemográficas, de contexto familiar e académicas com a capacidade de resiliência; Analisar a relação entre os AVN's e a capacidade de resiliência dos estudantes.

Material e métodos: Estudo quantitativo descritivo correlacional. A amostra é constituída por 382 estudantes do IPV.

Utilizou-se um questionário, para avaliar as características sociodemográficas, familiares, académicas, a Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993) e o Inventário de Acontecimentos de Vida Negativos.

Resultados: A amostra é constituída maioritariamente por estudantes do sexo feminino (69.6%), com um predomínio de participantes na faixa etária dos]20-24] anos (53.1%), 92.9% não tem companheiro(a), 52.1% residem em meio urbano e 47.9% em meio rural, predomínio de estudantes não trabalhadores (81.4%), a maioria são da ESSV (48.5%) a frequentar o 1º ano de curso (28.8%). A capacidade de resiliência está relacionada com fatores como a idade, o estado civil, a zona de residência, a escola que frequentam, o número de matrículas, o tipo de habitação, o estado civil dos pais, o agregado familiar e a toma de medicação.

Relativamente aos acontecimentos de vida negativos, encontraram-se relações com a negligência, a separação/perda e a satisfação com amigos assumindo-se como preditores da capacidade de resiliência, isto é, quanto menos os estudantes sentirem negligência, sofrerem separações ou perdas e terem um ambiente familiar conturbado mais capacidade de perseverança iram ter; Quanto menores forem os acontecimentos de vida negativos maior é capacidade de autossuficiência e autoconfiança dos estudantes; quanto mais AVN's menor será a capacidade de resiliência.



Conclusões: A capacidade de resiliência é complexa e difícil de quantificar pela possível interferência de variadíssimos fatores. Sendo condição necessária o indivíduo estar perante uma situação que coloque em risco o seu equilíbrio emocional e que esse risco tenha sido vencido/ultrapassado com sucesso.

Palavras-chave: Resiliência; Acontecimentos de vida negativos; Ensino Superior; Estudantes.

Título do Estudo: Competências Clínicas e de Comunicação nos estudantes de enfermagem

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Manuela Ferreira e Coorientador: Professor Doutor Daniel Marques da Silva

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Sofia Pires, Maura Sousa, Mónica Seara Nascimento, Nina Calheiros

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: A comunicação é um instrumento básico em enfermagem, sendo um elemento crucial do cuidado. A qualidade das interações que acontecem entre o enfermeiro e o utente/família influenciam a sua satisfação e segurança sentidas com os cuidados recebidos.

Objetivos: Identificar as competências de comunicação e relação interpessoal dos estudantes de enfermagem nos cuidados de saúde; identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que influenciam as competências de comunicação e relação interpessoal dos estudantes de enfermagem nos cuidados de saúde.

Metodologia: Estudo quantitativo, com corte transversal, descritivo e correlacional. O instrumento de recolha de dados utilizado foi o questionário, com questões relativas à caracterização sociodemográfica e académica; às competências essenciais de entrevista e comunicação clínica nos cuidados de saúde; à aprendizagem de competências de comunicação clínica e a escala de competências de comunicação e relação interpessoal, e Kalamazoo Consensus Statement (Epstein et al., 2005) que avalia a formação em competências de comunicação clínica no curso. A amostra foi constituída por 374 estudantes de enfermagem de duas escolas da zona centro do país.

Resultados: A maioria da amostra é do sexo feminino (80.5%), com predomínio dos estudantes na faixa etária dos 18-21 anos, a frequentarem o 5^o semestre. Maioritariamente, os estudantes concordaram fortemente com o facto de as competências de comunicação clínica e as relações interpessoais serem importantes na prática dos cuidados de enfermagem (82.4%); concordaram com os métodos de aprendizagem e competências comunicacionais alcançadas com base nas aprendizagens ao longo do curso de enfermagem (54.3%). A maioria dos estudantes avaliou a sua formação na área como boa (71.7%). A idade, o semestre e a escola que os inquiridos frequentam influenciaram as competências de comunicação e relação interpessoal dos estudantes de enfermagem nos cuidados de saúde).



Conclusão: Os resultados obtidos permitem-nos afirmar que a educação/formação do estudante de enfermagem no âmbito relacional assume uma importância fundamental na capacitação para a prática profissional competente.

Palavras-chave: Competências de comunicação clínica; relações interpessoais; estudante de enfermagem.



Título do Estudo: Perceção do estudante de enfermagem face à morte

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor João Carvalho Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Cátia Rafaela Silva Esteves, Filomena Marques Almeida Santos, Vanessa Maria da Silva Félix, Vera Lúcia Mesquita Peixoto

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: As atitudes face à morte diferem de pessoa para pessoa, o que leva a concluir que a forma como reagimos à morte depende de uma multiplicidade de fatores que se conjugam diferentemente entre si e que se relacionam principalmente com aspetos espaço-temporais, socioculturais, pessoais e educacionais.

Objetivos: Estudo 1 (quantitativo, descritivo-correlacional e transversal) - Analisar a atitude dos estudantes de enfermagem perante a morte de um doente em fase terminal; verificar de que modo as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, proveniência, estado civil) e variáveis académicas (ano que frequenta e coabitação em tempo de aulas) interferem na atitude dos estudantes de enfermagem perante a morte. Como instrumento de recolha de dados, usou-se um questionário sociodemográfico e académico e a Escala de Atitudes (Amaral, 2001). Estudo 2 (qualitativo) - conhecer as atitudes, sentimentos e emoções vivenciadas pelos estudantes de enfermagem perante a morte de um doente durante o ensino clínico. Recorreu-se à entrevista semiestruturada, cujos dados foram sujeitos à análise de conteúdo.

Resultados: No estudo 1 a amostra (n=162) estudantes de enfermagem, sendo a maioria feminina (90.1%), ente 21-25 anos (64.2%), maioritariamente no 3.º ano (63.1%). Verificou-se atitudes pouco favoráveis perante a morte por parte das estudantes (94.5%), contrastando com 92.0% das que apresentam atitudes muito favoráveis. As estudantes revelaram melhores reações (OM=95.09), enquanto os estudantes melhores atitudes (OM=78.53). Participaram do estudo 2 estudantes do 3.º ano aferindo-se que todos já vivenciaram a morte de um doente. Os principais sentimentos vivenciados são a tristeza, preocupação com a família e dúvidas existenciais, sendo a situação mais difícil a apoiar a família do doente. As estratégias mais adotadas foram a gestão de sentimentos, criar barreiras e apoio de amigos e familiares. Os estudantes consideram que, durante a formação de base, se deveria fornecer estratégias numa cadeira específica.



Conclusão: Os resultados sugerem que se durante o período de formação de base se aborde mais a temática da morte.

Palavras-chave: Morte; Atitudes; Reações, Estudantes de enfermagem.

Título do Estudo: Situações indutoras de stress e burnout em estudantes de enfermagem nos ensinos clínicos

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Conceição Martins e Coorientação de Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Lopes, Marta Pereira, Nathielly Jesus, Patrícia Almeida

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: Burnout é uma síndrome psicológica em resposta a fatores de stress crónicos no trabalho, aos quais os estudantes de enfermagem podem estar expostos nos ensinos clínicos.

Objetivos: Foram realizados dois estudos. Estudo 1- Identificar situações indutoras de stress e burnout em estudantes de enfermagem nos ensinos clínicos; Analisar a influência das variáveis sociodemográficas e académicas no stress e burnout. Estudo 2- Conhecer a perceção dos estudantes de enfermagem sobre situações geradoras de stress; Verificar estratégias de coping utilizadas em contexto de ensino clínico.

Métodos: Estudo quantitativo e descritivo (1) e qualitativo de análise de conteúdo (2). Estudo 1- Amostra de 236 estudantes de enfermagem em ensino clínico, instrumento de recolha de dados com questionário sociodemográfico e caracterização académica, Escala KEZKAK (Barroso et al., 2008) e Inventário de Burnout de Maslach (Maslach & Jackson, 1978). Estudo 2 - Amostra de 15 estudantes, com recurso à entrevista semiestruturada.

Resultados: Estudo 1: Amostra maioritariamente feminina (78.4%), com uma idade média 21.17 anos (±2.487 anos); prevalência de estudantes a frequentarem os 3º e 4º anos (42.8% vs. 43.2%). Predomínio de stress moderado (47.0%), seguido do stress intenso (27.1%). Situações vivenciadas em ensino clínico e que causam stress aos estudantes: “Não controlar a relação com o doente/utente” 49.36 (±16.458), “Falta de competência” (M=48.55; ±21.043), “Relação com o supervisor e colegas” (M=44,95), “Sobrecarga” (M=40,85), “Impotência e a incerteza” (M=44.43). Prevalência de baixo burnout nos estudantes, com percentuais mais elevados em todas as variáveis sociodemográficas e académicas. As variáveis sociodemográficas e académicas com significado estatístico no burnout foram o sexo, a idade e a coabitação em tempo de aulas. Estudo 2: Amostra constituída por 7 mulheres e 8 homens, com idades compreendidas entre os 19-29 anos, na maioria do 4.º ano, sendo as principais situações indutoras de



stress em ensino clínico: orientadores/professores orientadores; avaliações; desconhecimento da equipa multiprofissional, constituindo ameaça ao bem-estar físico e mental.

Conclusão: Os resultados permitem acentuar a necessidade de, na formação inicial em enfermagem, serem trabalhadas estratégias que visem diminuir o nível de stress experienciado pelos estudantes ao longo do ensino clínico, de modo a evitar-se possíveis casos de burnout.

Palavras-chave: Stress; burnout; Estudantes de enfermagem; Ensinos clínicos.

Título do Estudo: Comportamentos hostis em crianças e adolescentes: variáveis sociodemográficas e familiares

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Carla Maria Viegas Melo e Cruz; Coorientador: Professor Doutor João Carvalho Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Daniela Magalhães, Maria Inês Almeida, Natércia Silva, Pedro Reis

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: Os comportamentos hostis em crianças e adolescentes são um problema atual e com muita relevância devido aos malefícios individuais, sociais e económicos.

Objetivos: Verificar se as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, ano de escolaridade, local de residência e coabitação) influenciam os comportamentos hostis em crianças e adolescentes; averiguar se as variáveis familiares (estado civil, profissão, escolaridade, rendimento familiar mensal) interferem nos comportamentos hostis em crianças e adolescentes.

Metodologia: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e analítico, envolvendo uma amostra de 999 alunos dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, com uma média de idades 12.15 anos ($Dp=\pm 1.46$ anos). A recolha de dados inclui o questionário de dados sociodemográficos e de contexto familiar, Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee.

Resultados: O sexo, a idade, a zona de residência e a coabitação foram variáveis sociodemográficas que interferiram nos comportamentos hostis em crianças e adolescentes, tendo sido as raparigas, os alunos mais velhos, os residentes em meio urbano, os que coabitam com os pais a configurem maiores índices de comportamentos hostis, na globalidade. O estado civil dos progenitores, o seu estado civil e o rendimento familiar também interferiram nos comportamentos hostis da amostra em estudo, verificando-se que as crianças e adolescentes cujos pais não têm companheiro(a) e possuem um rendimento familiar médio alto/alto revelam níveis mais elevados de comportamentos hostis, sobretudo no que respeita ao ressentimento, hostilidade verbal, receio, negativismo e hostilidade global.

Conclusão: Esperamos que este estudo seja um contributo para a prevenção de comportamentos hostis em crianças e adolescentes, de modo a poder-se diminuir os potenciais riscos deste problema.

Palavras-chave: Comportamentos hostis; crianças; adolescentes.

Título do Estudo: Viver a maternidade em Macau: um cuidar intercultural

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Emília de Carvalho Coutinho

Investigadores Colaboradores (alunos): Carla Patrícia Barreto Vidal

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

A enfermagem transcultural assume-se como um ramo da enfermagem que enfoca o estudo comparativo e a análise de culturas no que se refere à enfermagem e às práticas de cuidados de saúde/doença, às crenças e aos valores, objetivando propiciar um serviço de atendimento de enfermagem significativo e eficaz para as pessoas, em conformidade com os seus valores culturais e o seu contexto de saúde/doença. Neste sentido, é objetivo deste estudo compreender o significado atribuído aos cuidados obstétricos, durante a gravidez, parto e pós-parto pelos enfermeiros que cuidam e pelas clientes que são cuidadas, em Macau. Para a recolha de dados, que decorreu em Macau, de outubro a dezembro de 2015, recorreu-se à entrevista semiestruturada a puérperas e a enfermeiras. Na análise de conteúdo do *verbatim* das entrevistas, elaborou-se um sistema de categorias e subcategorias como proposto por Bardin e suportado pelo programa *Qualitative Analysis Software Certified Partner* (NVivo versão 11). A amostra é constituída por 5 puérperas macaenses e 5 enfermeiras, das quais 4 são chinesas e uma é filipina. Os principais resultados revelam as seguintes categorias emergentes das unidades de registo das informantes: práticas culturais durante a maternidade, interdições durante a vivência da maternidade, significado de ser enfermeiro, atributos dos enfermeiros valorizados no cuidar, a maternidade vista pelas macaenses, grupos culturais a quem os enfermeiros prestam cuidados em Macau, estratégias de intervenção utilizadas pelas enfermeiras para compreender a cliente de outra cultura, constrangimentos sentidos pelas enfermeiras no desempenho profissional, motivo de descontentamento das puérperas, intervenções das enfermeiras promotores da tomada de decisão por parte da mulher.

Palavras chave: *Enfermagem; maternidade; puérpera; cuidar intercultural; Macau.*



UnCiSE

Título do Estudo: Enfermagem Transcultural no cuidar em obstetrícia. Da relação ao poder da mediação intercultural.

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Emília Coutinho

Investigadores Colaboradores (alunos): Brígida Alexandra David Martins, Helena Isabel Oliveira Martins, Sónia Cristina Gonçalves Amaral

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

O presente estudo é de natureza qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas e análise do conteúdo com categorização do verbatim de trinta e seis entrevistas, 15 a enfermeiras e 21 a puérperas, apoiada pelo NVivo 10. Da análise efetuada às entrevistas das puérperas emergiram três categorias: (i) Atributos que as puérperas reconhecem nos enfermeiros que as cuidam; (ii) Constrangimentos manifestados pelas mulheres e (iii) Técnicas e procedimentos de enfermagem identificados pelas puérperas. Quanto à análise das entrevistas dos enfermeiros resultaram nove categorias, designadamente: (iv) Forma como os enfermeiros se vêm a cuidar de si; (v) Significado de Enfermagem Transcultural; (vi) Recursos linguísticos utilizados nos encontros culturais; (vii) Entraves à Enfermagem Transcultural relatadas pelos enfermeiros; (viii) Significado que os enfermeiros atribuem à competência cultural e (ix) Práticas culturais. Conclui-se haver necessidade de contribuir para a prática de cuidados de enfermagem com base em cuidados culturalmente congruentes ajustados à realidade de cada cliente.

Palavras-Chave: Enfermagem transcultural; puérperas; enfermeiros.

Título do Estudo: Violência no namoro em estudantes do ensino superior

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Paula Nelas e
Coorientador Professor Doutor João Carvalho Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Cátia Daniela Macieira Salgado,
Cristiana Filipa Gonçalves Fernandes, Diana Brito Silva, Marta da Costa Lopes

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: A violência no namoro é um problema grave, quer pela sua prevalência e consequências ao nível da saúde física e mental, quer porque ocorre numa fase da vida onde os relacionamentos amorosos se estão a iniciar e os padrões de relacionamento estão ainda a ser apreendidos, podendo passar para a fase adulta.

Objetivos: Identificar as variáveis sociodemográficas que interferem nos comportamentos de violência no namoro dos estudantes do ensino superior; analisar a relação entre as características académicas e os comportamentos de violência, analisar a relação entre as atitudes e sensações sexuais e os comportamentos de violência no namoro, determinar o modo como a adaptabilidade e coesão familiar interferem nos comportamentos de violência, verificar a prevalência de comportamentos violentos no namoro dos estudantes do ensino superior.

Metodologia: Estudo quantitativo, não experimental, descritivo-correlacional e transversal. Utilizámos o questionário para recolha de dados sociodemográficos e académicos, Escala de Práticas e Comportamentos de Violência no Namoro (Dixe, Rodrigues, Freire et al., 2010), a Escala de Atitudes Sexuais (Alferes, 1999), a Escala de Procura de Sensações Sexuais (Carvalho & Batista, 1998) e a Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (Tribuna, 2000). A amostra é constituída por 820 estudantes a frequentar uma Instituição do Ensino Superior na Região Centro de Portugal, a qual é constituída por cinco unidades orgânicas.

Resultados: Trata-se de uma amostra maioritariamente feminina (69.4%), cuja idade média dos estudantes é de 20.48 anos ($Dp=2.51$). Predomínio dos estudantes solteiros (57.2%); 55.6% são provenientes de zona rural; 46.2% frequentam um curso na área da tecnologia e 52.5% frequentam um curso na área da saúde. O sexo, o estado civil, o curso e o ano do curso interferiram nos comportamentos de violência no namoro, sendo os estudantes do sexo masculino, do curso na área da tecnologia e a frequentar o 1º ano os que manifestam mais o comportamento de violência no namoro, sobretudo a violência stalking e a violência psicológica. Os resultados apontam para um predomínio de violência moderada no namoro, seguindo-se a baixa violência.

Conclusão: Os resultados justificam a necessidade de se implementarem programas de prevenção entre os estudantes, capacitando-os a evitarem o envolvimento em relações não saudáveis.

Palavras-chave: Violência; Namoro; Estudantes; Ensino Superior; Atitudes; Sexualidade.



Título do Estudo: Competências de Comunicação Clínica dos Profissionais de Enfermagem nos Cuidados de Saúde

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Daniel Marques da Silva e Coorientadora Professora Doutora Manuela Maria Conceição Ferreira

Investigadores Colaboradores (alunos): Adriana Saldanha, Carolina Van't Hoff, Mónica Bernardino, Nuno Leite

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: Prestar cuidados de enfermagem envolve um relacionamento interpessoal entre o enfermeiro e o doente, o qual é estabelecido pela comunicação. A capacidade/competência de comunicar de forma terapêutica com o doente/família é uma intervenção autónoma de enfermagem que permite ao enfermeiro satisfazer as necessidades de cuidados aos doentes.

Objetivos: Realizar um estudo psicométrico de uma Escala de Competências de Comunicação Clínica; avaliar as competências clínicas de comunicação dos profissionais de enfermagem; identificar as variáveis sociodemográficas e profissionais que influenciam as competências clínicas de comunicação; analisar a opinião dos enfermeiros relativamente à formação na área de comunicação clínica.

Metodologia: Estudo quantitativo, não experimental, descrito-correlacional e transversal. Utilizámos o questionário para recolha de dados sociodemográficos e profissionais, questões sobre formação em comunicação e a Escala de Competências de Comunicação Clínica, construída com base no Kalamazoo Consensus Statement (Brock Epstein, Lang, Marvel, Mauksch, Pryzbylski, Schirmer & Zoppi, 2005) e utilizada em Portugal por Leite (2013). A amostra ficou constituída por 275 enfermeiros de instituições de saúde da região centro de Portugal.

Resultados: A amostra apresenta uma média de idades de 36,20 ± 7,539. A maioria são enfermeiras (75,6%); na categoria profissional 93,1% têm a categoria de enfermeiro; 57,8%, referem ter tido formação na área da comunicação clínica, contudo 73,1% admitem sentir necessidade de mais formação específica na área; têm em média 13,58 ± 7,664 anos de exercício profissional e 66,9% trabalham em hospitais. A Escala evidenciou 5 fatores: Envolver no plano terapêutico, Facilitar o diálogo, Compreender as preocupações, Comunicar de forma assertiva e Realizar entrevista. Globalmente os enfermeiros apresentaram competências de comunicação clínica de nível médio (43,3%). A maioria (74,8%) considera boa ou muito boa a formação que tiveram no curso nesta área, contudo verificamos que 25% a consideraram medíocre ou má. A quase totalidade (98,9%) concorda com a existência de formação específica na área de



comunicação clínica para os enfermeiros. Apresentaram melhores competências comunicacionais as enfermeiras, os maiores de 40 anos, os que têm a categoria de enfermeiros (sem funções de chefia/coordenação) e os que têm mais anos de exercício profissional.

Conclusão: A escala de competências de comunicação clínica que utilizámos, revelou boa consistência interna. Apesar de considerarem boa a formação que tiveram, verificamos um deficit nas competências de comunicação clínica nos enfermeiros referindo a necessidade de formação nesta área. Os dados apontam para um maior investimento em comunicação clínica na formação dos enfermeiros e sugerem a promoção de formação contínua nesta área.

Palavras-chave: Competências clínicas de comunicação; Utente; Enfermeiro.

Título do Estudo: Obesidade e Sono na população adulta – revisão sistemática da literatura

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Odete Amaral

Investigadores Colaboradores (alunos): Cristiana Miranda, Pedro Guimarães, Rodrigo Gonçalves

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: As atuais evidências científicas têm referido associações entre padrões de sono inadequados e o excesso de peso/obesidade. Os estudos epidemiológicos mostram uma relação curvilínea em “forma de U” entre o sono inadequado e a obesidade, acarretando consequências no indivíduo, em todos os grupos etários e na saúde pública. Portanto, vários estudos apontam para mudanças no peso corporal como efeito da privação parcial de sono.

Objetivos: Identificar a associação entre o excesso de peso/obesidade e padrões de sono inadequados em adultos.

Métodos: Realizou-se uma revisão sistemática da literatura, com recurso à pesquisa na PubMed, Cochrane Library, Scielo e Google Académico, de estudos publicados entre janeiro de 2008 e novembro de 2015. Previamente foram definidos critérios de inclusão, selecionados os estudos, posteriormente avaliados quanto à sua qualidade e analisados. Através da aplicação da “Grelha para avaliação crítica de um artigo descrevendo um ensaio clínico prospetivo, aleatorizado e controlado” aos estudos incluídos, verificou-se que dos quatro estudos que constituíram o corpus textual, três foram considerados de qualidade (classificação final $\geq 75\%$).

Resultados: Padrões de sono inadequados aumentam o risco de ganho de peso e consequentemente de excesso de peso e obesidade em adultos, resultado este sustentado pelos dados apresentados nos estudos analisados (revisão sistemática da literatura, estudo longitudinal de intervenção clínica, randomizado e controlado, estudo transversal analítico). O excesso de peso/obesidade associam-se a inadequados padrões de sono-vigília, designadamente à “curta” duração do sono em adultos.

Conclusões: Estudos epidemiológicos sugerem uma associação entre a diminuição da duração do sono e o aumento de peso e obesidade. Contudo, limitações no design dos estudos analisados impedem conclusões definitivas. Mais estudos, longitudinais e experimentais, utilizando medidas objetivas e repetidas do sono são importantes para se definir uma relação causal entre a privação de sono e a obesidade.

Palavras-chave: Sono; Obesidade; População adulta.



Título do Estudo: Supervisão do ensino clínico de enfermagem: percepção dos estudantes portugueses

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Olivério Ribeiro

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Sofia Laginhas, Andreia Santiago, Helena Nunes Martins, Tânia Cabral

Curso: 26º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2016

Resumo

Enquadramento: O ensino clínico, no curso de licenciatura em enfermagem, representa aproximadamente metade do tempo da formação inicial, considerado um importante período de aprendizagem, pois constitui uma oportunidade de vivência concreta do papel de enfermeiro, onde a supervisão desempenha um papel crucial.

Objetivo: Conhecer a percepção que os estudantes de enfermagem portugueses têm acerca da supervisão em ensino clínico.

Metodologia: Revisão sistemática da literatura, guiada pelo método PI[C]OD, cujos motores de busca foram o Google Académico, a Biblioteca Virtual em Saúde e SciELO Portugal, donde emergiram as palavras-chave: “estudantes de enfermagem”, “portugueses”; “percepção”, “ensino clínico”, “supervisão”. Após a aplicação dos Testes de Relevância, ficou-se com um *corpus* amostral de 11 estudos, os quais foram sujeitos a uma avaliação da qualidade através dos tópicos para avaliação crítica dos artigos adaptada por Ribeiro (2015) de Ascensão et al. (2008).

Resultados: Todos os estudos foram considerados de qualidade, tendo obtido uma classificação final superior a 75%. Os estudantes valorizam muito o contexto de ensino clínico, considerando-o uma oportunidade para transpor o conhecimento adquirido na escola, sendo esta uma realidade com a qual se confrontaram, onde têm de saber conjugar a teoria e a prática, o que nem sempre é um processo fácil. Veem o supervisor mais do que alguém que está lá para os avaliar, atribuindo-lhes o papel de facilitadores, de ajudar o estudante a aprender a aprender através da reflexão. Sobrevalorizaram uma atmosfera afetivo-relacional positiva, para a qual é indispensável que o supervisor abandone as posturas de avaliador, autoritárias, intimidatórias e mesmo de agressividade verbal e não-verbal, bem como muitas das suas representações e que estabeleça com os estudantes uma relação informal e de proximidade.



Conclusão: O saber profissional dos supervisores deve coincidir com o agir profissional numa realidade contextualizada, permitindo aos estudantes aprender a analisar criticamente, consolidando o conhecimento adquirido previamente e tomando consciência dos diferentes papéis e das competências que necessita desenvolver não só numa perspetiva cognitiva e técnica, mas também na vertente afetivo-relacional.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Ensino Clínico; Perceção; Supervisão.